



Reflexões sobre mitos, ritos e espiritualidade indígenas

Reflections on myths, rites and indigenous spirituality

Linda Siokmey Tjhio Cesar Pestana

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões – PPGCR/UFPB, Especialista em Aconselhamento e Psicologia Pastoral – EST, Bacharel em Teologia – FACETEN, Cirurgiã-Dentista – FOU SP, Terapeuta Comunitária Integrativa – ABRATECOM, Capacitada em Prevenção do Uso de Drogas – UFSC/SENAD, Participante do Grupo de Pesquisa: Religiões, Identidades e Diálogos – UNICAP. Recife/PE/Brasil.

Resumo:

A vida e a caminhada dos indígenas no Brasil têm riquezas que passam despercebidas pela cultura colonialista e capitalista atual. Os Potiguara e os Tabajara no Paraíba vivenciam há anos, conflitos com a sociedade hodierna, onde não há espaço adequado para a conservação de seus mitos, ritos e espiritualidade. A humanidade e a ecologia sofrem com a exclusão desse povo e com o desmatamento associado, já que a sabedoria indígena inclui relações saudáveis do ser humano consigo mesmo, com o outro, com a natureza e com o transcendente, que podem contribuir para transformar e reverter os estragos sócio-político-econômicos desencadeados na atualidade. Esse texto é produto de pesquisa bibliográfica e pretende informar e convidar o leitor à uma reflexão sobre as causas indígenas, dos quilombolas e do espaço ecológico, que são de todos e todas nós, já que indivíduo faz parte desse emaranhado de povos.

Palavras-chave: Indígena. Mito. Rito. Espiritualidade. Ecologia.

Abstract:

The life and the journey of Indians in Brazil have riches that go unnoticed by the current colonialist and capitalist culture. The Potiguara and the Tabajara in Paraíba experience for years, conflicts with today's society, where there isn't adequate space for the storage of their myths, rituals and spirituality. Humanity and ecology suffer from the exclusion of these people and deforestation associated, since the indigenous wisdom includes healthy relationship of man with himself, with others, with nature and with the transcendent, which can contribute to transform and reverse the socio-political and economic devastation unleashed today. This text is bibliographic research and intends to inform and invite the reader to reflect on indigenous causes, maroon and green space that belong to everyone and all of us, since each person is part of this tangle of people.

Keywords: Indian. Myth. Ritual. Spirituality. Ecology.

Introdução

A questão indígena tem sido negligenciada e silenciada a favor de interesses colonialistas e capitalistas ao longo da história. O objetivo do presente artigo é informar, trazer à reflexão e integrar alguns aspectos dessa cultura, de modo a ampliar nossa visão e nossos conceitos em relação a essa etnia e ao mundo em que vivemos, para então, incluir e valorizar o outro nas suas diferenças e propor estratégias que beneficiem a todos e ao mundo que habitamos. A partir de pesquisa bibliográfica, esse

trabalho consiste em reflexões acerca de mitos, ritos e espiritualidade indígena, levando em conta aspectos que nos ajudem a dialogar e a conviver em paz, sabedoria e espiritualidade.

Ao adentrar numa aldeia, possibilita-se experimentar a hierofania, onde mistérios sacralizam o tempo, os objetos e o espaço entre o céu e a terra. Através do artesanato, das danças, dos gestos, dos olhares, da culinária, do ritmo de tambores, maracás e pés batendo no chão – ritos que são expressões criativas e eloquentes da cultura indígena – reatualizam-se e rememoram-se mitos que ressignificam o passado, reforçam a identidade e descortinam a esperança de um horizonte solidário e inclusivo, sem a lógica da dominação, da competição e da violência.

Barcellos¹ fez um estudo etnográfico pela observação e escuta das práticas educativo-religiosas dos Potiguara da Paraíba, marcadas pela partilha e pelos ritos: da sabedoria, da morte e do Toré (seja ele tradicional ou performatizado para a posse de uma nova liderança ou para uma formatura). Através de um diário de campo e entrevistas, percebeu-se a religião como base cultural, cuja espiritualidade é rica e perpetuada por mitos, ritos e memória, em que a mãe terra, matas, águas, furnas, ocas, igrejas, cemitérios e encruzilhadas são lugares sagrados onde moram os espíritos e onde acontecem experiências simbólicas, vitais, renovadoras e reveladoras.

A atuação da mulher indígena é bem presente nas práticas políticas, econômicas e espiritualistas, seja perante a sociedade em geral, seja na preservação da cultura e das tradições de seu povo, uma vez que acolhe e prepara as crianças, os adolescentes e os artefatos coletados da natureza para os ritos da aldeia. Nesse contexto, a educação que respeita a identidade desse povo é bilíngue (Português e Tupi), intercultural e autônoma, cujo currículo valoriza a diversidade e reforça seu senso de pertença².

Potiguara e Tabajara no Paraíba

Há duas etnias indígenas no Paraíba: Potiguara e Tabajara. A Potiguara sobrevive à violência há quinhentos anos e ocupa a atual Baía da Traição (antiga acakutibiró), Rio Tinto e Marcação no Litoral Norte. Numa área delimitada pelo rio Camaratuba ao norte, rio Mamanguape ao sul e o Oceano Atlântico a leste, habitam trinta e duas aldeias com quinze mil pessoas falantes do Tupi e do Português, praticantes e transmissores das tradições, educação e memórias dos “trancos-velhos” (anciãos da aldeia). Destaca-se o Toré como ritual, poesia, dança lúdica, religiosa e cultural que organiza, alimenta e liga o povo com a divindade³.

A segunda etnia – Tabajara - conhecida como família dos caboclos desde o século XVI, tem ficado dispersa, anônima e quase extinta na zona rural do Litoral Sul: Alhandra, Conde, Pitimbu, Caapora e em assentamentos do INCRA nas periferias de João Pessoa, desde quando latifundiários portugueses, franceses e holandeses a desapropriaram de suas terras nos anos cinquenta e sessenta.

¹ BARCELLOS, Lusival. *Práticas educativo-religiosas dos Potiguara da Paraíba*. João Pessoa: UFPB, 2014.

² NASCIMENTO, José Mateus (Org.). *Etnoeducação potiguara: Pedagogia da existência e das tradições*. João Pessoa: Ideia, 2012. p. 111-113, 121, 133-139, 145-146.

³ NASCIMENTO, 2012, p. 11-12, 198, 214.

De acordo com a Constituição atual⁴, reivindica-se a identidade indígena através da ação do Núcleo de Cidadania e Direitos Humanos da UFPB, junto com INCRA, FUNAI, APOINME, CIMI, CNPI, entre outros. Na esperança pela demarcação de terras e reconquista da afirmação do nativo como sujeito integrante da sociedade, o Toré é a marca político-religiosa de reconhecimento da sua força e perseverança, através do qual a tradição e a dignidade esquecidas ressurgem⁵.

A retomada da aldeia Três Rios, no município de Marcação, Paraíba, em 4 de agosto de 2003, faz parte do movimento de reafirmação da identidade e da memória coletiva dos Potiguara. Com o apoio da UFPB (Sintesp, DCE, Aduf), indígenas foram à Assembleia Legislativa e praças públicas para reivindicar pela territorialidade. Em abril de 2006, CDH, o Ministério Público Federal/PB, lideranças do povo Potiguara, o Administrador regional da FUNAI, o CIMI e a Prefeitura de Marcação/PB reuniram-se para um novo debate. “Terra, guerra e padroeira, que significam vida, resistência e fé” fazem parte das palavras do Toré que une, mobiliza e diferencia os Potiguara nesses momentos históricos de luta na região Nordeste⁶.

Em vinte e sete de outubro de 2015, o Congresso Nacional aprovou a proposta de emenda à Constituição⁷, com alterações que tornam a proposta inconstitucional por ferir os direitos dos povos tradicionais. Transferiu-se do poder legislativo para o poder executivo - cuja bancada rural é 52% do Congresso Nacional - a demarcação e a ratificação de terras indígenas, a titulação de quilombolas e a preservação do meio-ambiente. A sorte dos indígenas ficou nas mãos de aliados de fazendeiros e membros da Frente Parlamentar Agropecuária, onde predominam interesses no agronegócio repleto de transgênicos e agrotóxicos, atividades de mineração e de construção de estradas ou hidrelétricas.⁸

O indígena e a ecologia

Os espaços familiares individuais (moradia, quintais, terreiros e roçados) e os coletivos (oca, campo de futebol, manguezal, cabeceiras dos rios, matas, escola, posto de saúde) fazem parte da dinâmica de reprodução social do povo indígena, intimamente ligada à plantação e colheita prejudicadas pela ação dos usineiros na região. Ao marchar em defesa de seu território, o povo luta por união, solidariedade, comunidade e totalidade, ou seja, contra a exploração e precarização das relações de trabalho, a favor de medidas que valorizem sua identidade.⁹

Esse é mais um dos conflitos entre capitalismo, humanização e ecologia dentro do tema da cultura sustentável, que leva em conta o crescimento populacional, o desmatamento e as atividades

⁴ CONSTITUIÇÃO DE 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 2 nov. 2015.

⁵ BARCELLOS, Lusival; FARIAS, Eliane. *Memória Tabajara: manifestação de fé e Identidade étnica*. João Pessoa: UFPB, 2012, p. 9-17, 23, 28-35.

⁶ MARQUES, Amanda C. N. *Território de memória e territorialidades da vitória dos Potiguara da aldeia Três Rios*. 2009. Dissertação (Mestrado) - CCEN/PPGG/UFPB. p. 176. Disponível em: <http://www.geociencias.ufpb.br/posgrad/dissertacoes/amanda_marques.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2015.

⁷ PEC 215/2000. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=14562>>. Acesso em: 2 nov. 2015.

⁸ CARTILHA PEC 215: Ameaça aos direitos dos povos indígenas, quilombolas e meio-ambiente. 2. ed. Atualizada. Florianópolis: CIMI. Disponível em: <<http://www.cimi.org.br/pec2015/cartilha.pdf>>. Acesso: em 31 out. 2015.

⁹ MARQUES, 2009, p. 197-203.

produtivas danosas ao ecossistema local, como carcinocultura, produção de carvão vegetal e plantio maciço de cana de açúcar. Ao destruir mito, rito, realidade e espiritualidade indígena como quem sopra as cinzas, destroem-se partes simbióticas na construção de uma existência significativa e harmônica características do saber desse povo e, com isso, apaga-se o fogo essencial da sobrevivência de toda a humanidade.¹⁰

O nativo conhece como conviver em sociedade e com a natureza de forma harmoniosa; sua cultura pode ser invocada como valor a ser negociado perante a sociedade nacional e transnacional, ou seja, a sustentabilidade política que instrumentaliza o saber indígena pode ser praticada para preservar os recursos naturais¹¹. Portanto, ao invés de ações que só devastam as matas e poluem os rios, trazendo inquietação, infelicidade e ansiedade próprios do consumismo, materialismo capitalista e busca pelo prazer da sociedade atual, haverá o cultivo da roça com feijão de corda, milho, batata doce, macaxeira, inhame, pesca, caça, tradições, práticas habilitadas pelos espíritos e paz.

Espiritualidade e o indígena

Do ponto de vista de Boff¹², é preciso sair para além do senso comum, numa caminhada mística de integração do espiritual e do material, do interior com o exterior, da ética e da inclusão, da humanização e da sexualidade afetiva, contemplativa e extática. Essa é a espiritualidade que se espera da humanidade unida numa rede de relacionamentos e iluminada por uma energia vital e cósmica: a mística do mergulho interior para captar o outro lado das coisas e a sensibilidade para apreciar a riqueza do outro e a grandiosidade do universo.

Quando a humanidade deixa de abraçar seu irmão e a Terra, falha no cumprimento de sua missão primordial desde a criação do mundo¹³. Assim, deixa de transformar e reverter os estragos sócio-político-econômicos desencadeados, em que a natureza, a cultura, a ética, a história, a sabedoria e as experiências viraram mercadoria a serviço do capitalismo de uma sociedade competitiva, carente de cooperação e significado, que a tudo racionaliza, coisifica e desumaniza, enquanto o tempo e a vida reais são trocados pelo virtual e efêmero, e os instrumentos tecnológicos passaram a ser fim e não meios.¹⁴

Dentre as estórias dos Potiguara: Caboquinho, Janjão, Bel, Hilária, Severino, D. Maria, Joelma, Raqué, Manuca, Josafá, Comadre, Audir, Seu Chico, Urubu e Seu Tonh¹⁵; junto com depoimentos de troncos-velhos Tabajara: João Gringo, Pedro Severo, João Boinho, Nequinho e Terezinha, percebe-se uma diversidade de atitudes, conflitos e formas precárias de moradia como

¹⁰ BOFF, Leonardo. *A grande transformação: na economia, na política e na ecologia*. Petrópolis: Vozes, 2014.

¹¹ ANDRADE, Antonio R. P. *Cultura e Sustentabilidade: a sociedade Potiguara e um novo mal-estar na civilização*. 2008. Tese (Doutorado) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais – UFRRJ, Rio de Janeiro, 2008. p. 3.

¹² BOFF, Leonardo. *Ecologia, mundialização, espiritualidade*. São Paulo: Ática, 2008. p.195-228.

¹³ GÊNESIS 2.15. In: A BÍBLIA SAGRADA. 2. ed. Tradução de João Ferreira de Almeida. Ed. rev. e atualiz. São Paulo. Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. p. 4.

¹⁴ BOFF, 2014, p. 122-123, 204.

¹⁵ ANDRADE, 2008.

formas de adaptação à civilização, onde uns abrem mão de sua identidade para alcançar uma posição social e outros mentem, dizendo-se indígenas para receber benefícios.

Estabelece-se, então, uma angústia em que os índios foram impelidos a abandonarem seus costumes e suas terras para receberem assistência sociopolítica, mas exige-se que saibam dançar, falar, vestir-se etnicamente e que tenham permanecido nas terras desde 1988 para que seus direitos sejam reconhecidos¹⁶. Prosseguem, então, em sua caminhada onde, conforme Boff¹⁷, é “pela espiritualidade que os desesperançados encontram forças para caminhar, pois, ela sempre alimenta sonhos e projeta utopias que mostram estrelas e apontam para caminhos, mesmo que pedregosos”.

Mitos e ritos indígenas

No mundo moderno, desprezam-se as civilizações antigas, racionaliza-se e mercantiliza-se tudo – desumaniza-se. Urge reforçar a memória que tem sido silenciada e os ritos reprimidos. Não dá para separar mito e realidade, pois, são duas partes em simbiose no processo de construção de algo realmente significativo. Sem os mitos cosmogônicos, presenciais e escatológicos, não é possível reconhecer e integrar o sagrado e o profano e, com isso, perdem-se os referenciais que dão sentido à existência. “É através da experiência do sagrado, portanto, que despontam as ideias de realidade, verdade e significação”¹⁸.

Há mitos, como o de Hainuwele¹⁹, carregados de contrastes e significados reais, em que se emaranham agressor, vítima, protetor, delicadeza, indivíduo, comunidade, morte e renascimento. Cada vez que os ritos da colheita ou do perdão são realizados, o mito é rememorado e tudo se renova. Nesse mito de origem transmitido oralmente em Guiné-Bissau, tem-se “o princípio da morte criadora” em que as partes do corpo da dançarina morta, uma vez plantadas na terra, trazem alimento ao povo. Os dois números que aparecem nessa narrativa marcam início e término cíclicos da vida, onde o trágico é seguido pelo renovo e redenção: O número três representa o triângulo, o equilíbrio, a trindade – o divino e seu tempo *kairós* que invade o cronológico; o número nove - três ciclos de três - representa o tempo extraordinário do fim.

Dentre os indígenas, observam-se nos ritos mágico-cultuais e de encantamento, muito mais do que favores e sacrifícios de expiação e ação de graças; mas, aquilo que Otto²⁰ descreve como comunhão com o transcendente divino, pelo qual o indivíduo experimenta um arrebatamento numinoso e enche-se ou identifica-se com o misterioso em “procedimentos xamanísticos da ‘possessão’, assunção mediante exaltação e êxtase”, para culminar num estado enobrecido de mística e de espírito purificado.

¹⁶ BARCELLOS; FARIAS, 2012, p. 74-85, 95, 121.

¹⁷ BOFF, 2014, p. 212.

¹⁸ ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1994. p.124.

¹⁹ ELIADE, 1994, p. 94-98.

²⁰ OTTO, Rudolf. *O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e a sua relação com o racional*. Tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007. p. 69-70.

Não fosse a simbologia mítico-ritual que funda e reafirma a presença e a realidade do índio no mundo, correr-se-ia o risco antropológico da perda do próprio mundo no decorrer da história; pois, o rito contém a emoção, o tempo e o espaço de uma cultura que faz parte da humanidade; enquanto os mitos, mesmo não compreendidos pela sociedade contemporânea vigente, permanecem aqui e ali, numa angústia existencial à espera de um resgate²¹.

Nós e os indígenas

Campbell²² assinala que as vidas das pessoas estão intrincadas e engendradas como num enredo ou sinfonia, onde cada pessoa tem um significado importante na vida de outra. Nada é por acaso e tudo está ligado, inclusive à natureza. “É exatamente como se houvesse uma única intenção atrás de tudo, sempre com algum sentido, embora nenhum de nós saiba que sentido é, nem tenha vivido a vida que de fato tencionou viver”. Como no estudo de mitologia comparada, ele constatou que um sistema ilumina o outro e também, pessoas e mitos se esclarecem mutuamente, especialmente, quando há compaixão e empatia.

Parafraseando Vilhena²³, nosso cotidiano também é composto de ritos: O despertador toca, a oração de agradecimento, o pedido por sabedoria, a higiene do corpo, a atenção às funções fisiológicas, a vestimenta adequada para o trabalho, o café da manhã, as ações necessárias para deixar a moradia e tomar a condução para o serviço. Atos, regras, emoções e vínculos se misturam nos rituais que espelham os mitos que sustentam nossa realidade. Razão, sensibilidade, tempo e espaço são harmonizados e improvisados para transformar e extrapolar intervalos de tempo *chronos* em *kairós* – oportunidade para redimir e dar significado à vida.

Corpo, mente, paixões e sensibilidade participam nessa vivência que tenta conciliar imanente, transcendente, concreto, abstrato, fascinante e assustador. Em cada detalhe, há um valor simbólico capaz de desencadear alegria, gratidão, temor e confiança, de certa forma, mágicos. Dessa forma, a vida integral é uma oferenda de consagração e sacrifício ao ser divino, presente em todo lugar e em qualquer hora até a consumação do século, conforme afirmam os textos neotestamentários²⁴, em que o profano experimenta o sagrado, e o divino faz sua tenda nas casas das pessoas (sejam de quais etnias forem), organizando, socializando e redimindo-as²⁵.

Considerações finais

Ao término desse artigo, resta-nos o convite para apoiar essa luta em defesa dos direitos dos indígenas, dos quilombolas e do espaço ecológico, já que todos fazemos parte desse emaranhado de povos.

²¹ AGNOLIN, Adone. *História das religiões: perspectiva histórico-comparativa*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 71-72.

²² CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. Tradução de Carlos Filipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990. p. 246-247.

²³ VILHENA, Maria Angela. *Ritos: expressões e propriedades*. São Paulo: Paulinas, 2005

²⁴ MATEUS 18.20, 22.37; 28.20. In: A BÍBLIA SAGRADA. 2. ed. Tradução de João Ferreira de Almeida. Ed. rev. e atualiz. São Paulo. Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. p. 23, 29, 38.

²⁵ JOÃO 1.14. In: A BÍBLIA SAGRADA. 2. ed. Tradução de João Ferreira de Almeida. Ed. rev. e atualiz. São Paulo. Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. p. 99.

Nós somos aquela porção tua que começou a sentir, a pensar, a amar e a cuidar. Somos Terra. E como Terra continuas crescendo, embora adulta, para dentro do universo rumo ao Seio de Deus-Pai-e-Mãe de infinita ternura. Deste Útero viemos e para ele retornamos para recebermos uma plenitude que somente Tu, Pai e Mãe, nos podes conceder. Queremos mergulhar em ti e ser um contigo para sempre junto com a Mãe Terra.²⁶

Conforme propõe Freire²⁷, nas parcerias horizontais e solidárias com povos diferentes, possibilita-se o desenvolvimento integral do indivíduo e da coletividade, caracterizado por ética, respeito, inclusão, escuta, reflexão crítica, fortalecimento da pessoa como ser humano, autonomia, defesa dos direitos humanos, prevenção de violência, do fatalismo e de adições; como seres inacabados e numa teia de relações equilibradas de etnia, gênero e multiculturas, um aprende com o outro na construção de um mundo e de pessoas mais criativas e mais livres.

A sede existencial de identidade vai sendo saciada enquanto bebemos de Barcellos, Nascimento, Farias, Boff, Freire, Alves, Eliade, Campbell, Agnolin, Andrade, Marques, Otto, Vilhena, Maria Florzinha, potiguara, tabajara, caciques, pajés e “troncos-velhos” que derramam novas significações nessa caminhada pelos quatro cantos da terra, em que sentimos o cumprimento do vento, ouvimos os pássaros silenciados pelos barulhos do consumismo, abraçamos a árvore cuja seiva sussurra vida e nos aquece o espírito. Percebermos, então, que as semelhanças entre as pessoas são maiores que as diferenças e o indígenas também somos nós.

Em meio a silêncios, gestos, palavras, sentimentos, pensamentos, fica a sensação de tocar e ter sido tocado por uma oportunidade sagrada e, junto com ela, florescer, secar, sentir a alegria e a dor do outro, experimentar a força delicada da mãe-terra e a brutalidade da civilização ao longo da história. Uma partilha que perpassa mitos, ritos e a espiritualidade de cada ser; que integra, recria, organiza e banha indivíduos com respeito, fraternidade, paz, alegria, inspiração, harmonia e aprendizados, tornando-nos mais humanos.

Referências

- AGNOLIN, Adone. *História das religiões: perspectiva histórico-comparativa*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- ANDRADE, Antonio Ricardo Pereira. *Cultura e Sustentabilidade: a sociedade Potiguara e um novo mal-estar na civilização*. 2008. Tese (Doutorado) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais – UFRRJ, Rio de Janeiro, 2008.
- BARCELLOS, Lusival. *Práticas educativo-religiosas dos Potiguara da Paraíba*. João Pessoa: UFPB, 2014.
- _____; FARIAS, Eliane. *Memória Tabajara: manifestação de fé e Identidade étnica*. João Pessoa: UFPB, 2012.

²⁶ BOFF, 2014, p. 214.

²⁷ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2002.

BOFF, Leonardo. *A grande transformação: na economia, na política e na ecologia*. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. *Ecologia, mundialização, espiritualidade*. São Paulo: Ática, 2008.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. Tradução de Carlos Filipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CARTILHA PEC 215: Ameaça aos direitos dos povos indígenas, quilombolas e meio-ambiente. 2. ed. Atualizada. Florianópolis: CIMI. Disponível em: <<http://www.cimi.org.br/pec2015/cartilha.pdf>>. Acesso: em 31 out. 2015.

CONSTITUIÇÃO DE 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 2 nov. 2015.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1994.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra S/A, 23. ed. 2002.

GÊNESIS. In: A BÍBLIA SAGRADA. 2. ed. Tradução de João Ferreira de Almeida. Ed. rev. e atualiz. São Paulo. Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

JOÃO. In: A BÍBLIA SAGRADA. 2. ed. Tradução de João Ferreira de Almeida. Ed. rev. e atualiz. São Paulo. Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

MARQUES, Amanda Christinne Nascimento. *Território de memória e territorialidades da vitória dos Potiguara da aldeia Três Rios*. 2009. Dissertação (Mestrado) - CCEN/PPGG/UFPB. Disponível em: <http://www.geociencias.ufpb.br/posgrad/dissertacoes/amanda_marques.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2015.

MATEUS. In: A BÍBLIA SAGRADA. 2. ed. Tradução de João Ferreira de Almeida. Ed. rev. e atualiz. São Paulo. Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

NASCIMENTO, José Mateus (Org.). *Etnoeducação potiguara: Pedagogia da existência e das tradições*. João Pessoa: Ideia, 2012.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e a sua relação com o racional*. Tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

PEC 215/2000. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=14562>>. Acesso em: 2 nov. 2015.

VILHENA, Maria Angela. *Ritos: expressões e propriedades*. São Paulo: Paulinas, 2005.